

Theatro S. Carlos

Tradição desaparecida



Como se sabe, no local onde, actualmente está o Theatro Municipal, em caminho de conclusão, existiu, não ha muitos annos, o theatro S. Carlos, de menores proporções do que aquelle, pois os respectivos fundos não iam alem da rua José de Alencar. Essa velha casa de espectaculos, que foi demolida por deliberação da Camara Municipal, era, pode-se dizer, um repositório de tradições, sob varios aspectos. A sua historia apresenta-nos um attestado honroso do espirito de iniciativa de antigos campineiros.

A sua inauguração realison-se festivamente em fins de 1847, tendo sido o edificio construido por uma associação que se denominava *Theatro S. Carlos*, fundada a 1.º de novembro de 1846, por meio de acções, com o capital de 18:400\$000. Essas acções eram em numero de 262, sendo 62 de 200\$000 cada uma e 200 de 30\$000.

A consecução dessa obra, diz um documento que temos á vista, foi devido a incansaveis esforços e grande dedicação do coronel José Franco de Andrade, commandador Manoel Cardoso de Almeida e Silva, Sebastião José Xavier de Brito e Francisco de Paula Antunes, todos fallecidos.

Nota curiosa — Antes da existencia do theatro, diz a tradição — as representações em duettos com representantes — «O meirinho e a pobre», «O mestre e a discipula» — e outras quejandas composições, eram realisadas num velho salão, no local onde hoje se ostenta o estabelecimento commercial «Casa Mascotte», á rua Barão de Jaguará, passando depois os espectaculos para o predio á rua Bom Jesus (Campos Salles) transformado mais tarde em duas habitações, predio esse annexo ao actual templo maçonico.

O theatro S. Carlos, que se constituiu notavel melhoramento para a pequena cidade daquelles tempos, teve uma existencia de setenta e tantos annos.

Vinte annos depois de inaugurado, 1867, as circunstancias da época reclamaram reformas do edificio e estas foram executadas sob a direcção do architecto Manuel Gonçalves da Silva Cantarino, que foi quem apresentou o «risco» para o serviço, como se dizia. A frente foi toda feita de novo. Antes da restauração continha o theatro 62 camarotes (tres ordens), 250 logares, uns longos bancos de madeira na platéa, ficando então com 20 camarotes na 1.ª ordem e 21 na 2.ª, transformando-se a 3.ª, ordem em torrinha gallinheiro. A esse tempo eram directores o coronel José Franco de Andrade, presidente; commandador Joaquim Bonifacio do Amaral (visconde de Indaiatuba); Francisco Soares de Abreu, Joaquim Quirino dos Santos, Antonio Quirino dos Santos, Joaquim Carlos Duarte, Antonio José de Vasconcellos Pinto e Antonio Monteiro de Carvalho e Silva.

Depois de taes obras, o edificio recebeu outros muitos melhoramentos, em diversas épocas, entre os quaes a substituição por columnas de ferro, em logar das antigas e toscas de madeiras, cadeiras de palhinhas, camarins espaçosos, escadarias lateraes que davam franca entrada e sahida para as ruas, varandas, frisas, cadeiras de 1.ª e 2.ª classes e outras. Da fraca illuminação de kerozene, deu um passo de gigante para a de gaz e depois outro passo maior — á da luz electrica.

Anteriormente, os bancos da platéa eram de madeira lisa, incommodos, muito compridos.

Nos camarotes não havia cadeiras. Em noites de espectaculos, as familias tinham que as mandar para lá, e os escravos as conduziam sobre a cabeça, precedidos de uma lanterna, porque, sem illuminação, as ruas estavam immersas em profundas trevas.

Por esse tempo o S. Carlos não contava senão com um pequeno botequim, no andar terreo. As familias levavam saborosos cuscús de camarões, pasteis e empadas que eram servidos nos camarotes durante os intervallos das representações.

As primeiras harmonias do theatro lyrico em Campinas, foram ouvidas no S. Carlos, inaugurando-se, então, nesta terra essencialmente agricola, esse genero de espectaculos. Foi isto lá pelo anno de 1875, cabendo essa gloriosa tarefa a uma companhia italiana do empresario J. Ferr...

Fazia parte da «troupe» Emilia Pezzoli, soprano dramatico, alta e magra, cuja voz out'ora deveria ter sido de bom quilate. Foi um delirio! Um jornalista local chegou a comparal-a á celebre Malibran! O assumpto serve para um escripto especial, sobre a musica em Campinas, por exemplo.

Dentre os artistas que foram admirados no velho theatro, podem ser citados: Carlos Gomes, regendo a orchestra num grande concerto, em 4 de Fevereiro de 1871; Joaquim Augusto (o velho) companheiro de João Caetano, Sarah Benhardt (La Dame aux Camelias) a 4 de Julho de 1886. Ernesto Rossi, Lucinda Simões, Emilia Adelaide, A. Tessero, Emmanuel, Furtado Coelho, Brazão, os Rosas, companhia lyrica Ferrari (1893) de que faziam parte Eva Tetrazini, Judice Costa, Scott, Cremonini e outros, com orchestra de 60 professores.

Levou á scena «Falstaff», de Verdi, e «Favorita», de Donizetti. Allí se realisaram grandes bailes, inclusive os carnavalescos, conferencias, concertos, baquetes politicos, entre os quaes o que foi offerecido aos primeiros deputados provinciais republicanos, em Janeiro de 1882.

Aquelle velho edificio era considerado como reliquia do passado. A idéa de, construção de outro theatro, veio á tona dos acontecimentos, mas não vingou.

Em 1884 ella appareceu. Desejava-se um theatro decente, porque Campinas o merecia. Reuniram-se muitos cavalheiros de prestigio social, e organisaram uma associação — «Theatro Carlos Gomes». Acharam-se á frente desse movimento os srs. dr. Jorge Tibirigá (como presidente) Carlos Egidio de Souza Aranha, Bento Quirino, dr. Ramos de Azevedo, Augusto Cesar, João Manuel Bueno, José Paulino, José Bento dos Santos, José Teixeira Nogueira e outros. O capital seria de..... 150:000\$000, em acções de 100\$000 cada uma. A construção do theatro estava orçada pelo dr. Ramos de Azevedo, incumbido de todo o plano e da direcção das obras.

Houve, então, lembrança de se demolir o theatro S. Carlos, para se levantar no mesmo local um edificio em melhores condições. Surgiu tremenda opposição por parte de antigos campineiros e muitas considerações foram emitidas nesse sentido, todas fazendo lembrar a tradição de que era um thesouro o velho theatro. Não se falou mais disso.

Foi lembrada a praça Carlos Gomes. Depois de varios estudos ficou verificado que, na occasião, havia impossibilidade da construção nesse ponto: — esse largo tinha sido um bréjo, um tremedal, com grotas profundas e, conforme uma determinação da Camara, allí, anteriormente, fôra depositado o lixo da cidade, como tinha sido tambem nos largos Jorumbeval, (Corréa de Melo) e Tanquinho (Praça do Pará). De todo, esse local não se prestava para o fim desejado.

E como se não bastasse semelhante final, veio a politicalha a

toldar completamente o caso. Os iniciadores eram quasi todos republicanos e diversos monarchistas entenderam que o projecto do novo theatro trazia em seu bojo um «trabalhinho» de propaganda republicana! E era uma vez o desejado melhoramento. Como nota curiosa damos em seguida uma rapida descrição do projecto, conforme plano do saudoso dr. Ramos de Azevedo: A superficie coberta seria de 1283 metros quadrados, tendo a sala dos espectadores 199 metros quadrados, comprehendida a destinada aos camarotes e orchestra. A scena mediria 270 metros, com capacidade para exhibições de peças de grande apparato. A sala de concertos, situada na frente do edificio, teria 134 metros quadrados. A platéa teria 305 logares, entre poltronas da orchestra, balcão e cadeiras. Camarotes seriam 49, com 7 cadeiras cada um. A archibancada superior 350 logares. Entradas para platéa e camarotes, para a archibancada, para a orchestra, e para a caixa, camarins, todas independentes, proporcionando a mais facil sahida possivel.

No primeiro plano do edificio ficariam seis commodos, dois dos quaes se prestariam para restaurantes.

Tivesse sido realizado o referido plano, optimo para aquella época, ficaria Campinas dotada com excellente casa de espectaculos.

Mais tarde ainda, agitou-se novamente a idéa de uma grande reforma do S. Carlos, afim de se augmentar a largura do edificio, aproveitando-se para isso, os terrenos lateraes que havia fechados por um gradil de ferro, no alinhamento das ruas Costa Aguiar e Treze de Maio. O projecto era da autoria do engenheiro dr. Mariano Montesanti. Tambem fracassou.

Epilogo da historia do Theatro São Carlos: — a Camara Municipal passada adquiriu da associação o antigo edificio, levantou emprestimo, desapropriou alguns predios nos fundos daquelle, mandou demolir o e conforme novo projecto do dr. Montesanti, fez iniciar a construção do Theatro Municipal, em maiores proporções, cujas obras estão proseguindo sob a vigencia da actual municipalidade e talvez sejam concluidas pela futura corporação municipal, por um custo muito alem do que foi primitivamente orçado.

E era uma vez o Theatro São Carlos, com todas as suas tradições!

L. A.

Outubro, 1928.

Em liberdade

Dos xadrezes da de... de Policia foram pos... liberdade, mais tre... que allí se achava... dos por diversos

A Casa T

muda-se provisoriamente aind... para o

Largo da C
Pegado ao C

Antiga «Cida

Annexo a este
cionará exce
taurante «a

TY

N

de d

m